

NASCIMENTO, Jaime; GAMA, Hugo (Org.).
*Manuel R. Querino : seus artigos na Revista
do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.*
Salvador: IGHB, 2009. 238 p.

O Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB) realizou, de 25 a 29 de agosto de 2008, um Seminário sobre *Manuel Querino – vida e obra*, e agora em 2009 editou este livro reunindo os artigos publicados por ele, que era sócio do IGHB, em sua revista. Nesta obra não foram seguidos os mesmos temas e autores do seminário, embora muitos coincidam. Depois da apresentação da presidente do IGHB, prof^a Consuelo Pondé de Sena, vem um artigo da Prof^a. Maria das Graças de Andrade Leal biografando Manuel Querino, objeto de sua tese de doutorado na PUC/SP. Em seguida, o livro é subdividido em seis partes, segundo os temas tratados por Manuel Querino em seus artigos.

Manuel Raimundo Querino nasceu em Santo Amaro da Purificação, em 28 de junho de 1851 e faleceu em Salvador, 14 de fevereiro de 1923, numa quarta-feira de cinzas. Órfão aos quatro anos de idade de ambos os pais, falecidos durante a epidemia de cólera-morbus de 1855, passou a residir em Salvador por ter ficado sob a tutela do prof. Manuel Correia Garcia¹, que o iniciou no estudo das primeiras letras e na aprendizagem do ofício de pintor. Aos 16, 17 anos deslocou-se para Pernambuco e depois para o Piauí, onde foi recrutado para a guerra do Paraguai, mas, por suas habilidades, ficou no Rio de Janeiro servindo como escriturário do seu Batalhão. Com o fim da guerra, deu baixa no serviço militar e retornou a Salvador em 1871, tendo nesta ocasião ingressado no Partido Liberal, um de cujos líderes era o Conselheiro Manoel Pinto de Souza Dantas, que sempre lhe deu apoio.

Depois de criado o Liceu de Artes e Ofícios em 1872, aí fez Manuel Querino os estudos preparatórios, aprendendo também francês e português no Colégio Vinte e Cinco de Março, enquanto trabalhava como pintor-decorador em obras da construção civil. Quando seu mestre Miguel Navarro & Cañizares (a quem auxiliou na pintura do pano de boca do Teatro São João) saiu do Liceu para criar a Academia de Belas Artes em 1877, acompanhou-o, e

Antionietta d'Aguiar Nunes

Historiógrafa do Arquivo Público
do Estado da Bahia
Professora Adjunta da
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

(1) Este foi, junto com João Alves Portela, um dos dois professores selecionados pela Província da Bahia para irem estudar na Escola Normal de Paris e, ao voltar, organizarem a Escola Normal Baiana e o ensino primário na província, o que fizeram com regulamentos publicados em janeiro de 1842, tendo a Escola Normal começado a funcionar em março deste mesmo ano. João Alves ficou como diretor e lecionando a cadeira de Ensino Mútuo, e Manuel Correia Garcia ficou responsável pela cadeira de Desenho linear, Caligrafia e Aritmética e era Monitor Geral, funções das quais foram ambos dispensados por atos do presidente da província Antonio Ignácio d' Azevedo em 8 de junho de 1847, o qual, a 16 de outubro deste mesmo ano, introduziu alterações nos Estatutos da Escola Normal elaborados em 1842 por estes dois professores. Mais tarde, em 17 de outubro de 1871, o presidente Francisco José da Rocha nomeou Manuel Correia Garcia para integrar o Conselho Superior da Instrução Pública da província, cargo que também já fora ocupado, de 1861 a 1868, por seu colega João Alves Portela.

nela Manuel Querino diplomou-se Desenhista em 1882, tendo iniciado também o curso de Arquitetura, não concluído por faltar professor para uma das cadeiras obrigatórias. Em 1883, aluno de Arquitetura, elaborou para o Congresso Pedagógico do Rio de Janeiro o plano *Modelo de casas escolares adaptadas ao clima do Brasil*, tendo merecido elogios. Em 1885 foi nomeado lente de Desenho Geométrico. No ano de 1887, realizou trabalho de pintura em bondes da companhia Transportes Urbanos. Em 1895 foi nomeado professor de Desenho Industrial no Colégio de Órfãos de São Joaquim. Elaborou estudos didáticos sobre desenho linear e geométrico: *Desenho linear das classes elementares*, em 1903, e *Elementos de desenho geométrico*, em 1911.

Foi sempre um militante das causas em que acreditava. Em 1876 participara da criação da Liga Operária Baiana e, já na República, foi um dos fundadores do Partido Operário em 1890, candidato pelo qual foi conduzido ao Conselho Municipal, onde atuou Conselheiro em duas legislaturas (1891-1892 e 1897-1899). Pertenceu a várias associações: Irmandade de N.Sra. da Conceição do Tororó, onde era escrivão em 1884, Liceu de Artes e Ofícios (antes de 1893), Sociedade Montepio dos Artistas (1894), Sociedade Protetora dos Desvalidos (1877 e readmitido em 1894), sócio fundador do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (1894), e Sociedade Beneficente Auxílio Fraternal, de que em 1898 era Presidente da Assembleia Geral.

A sua obra, segundo Maria das Graças Leal, distribui-se em duas fases que se complementam: a primeira, ocorrida entre 1903 e 1916, caracterizou-se pela produção de ensaios, artigos e crônicas, publicados em periódicos e livros retratando criticamente a situação das artes, dos artistas, dos trabalhadores e do povo em geral. Aí se incluem livros: os dois já citados sobre Desenho, e mais *As Artes na Bahia – esboço de uma contribuição histórica* (1909 e 2ª ed. em 1913), *Artistas Baianos – indicações biográficas* (1909, 2ª ed. 1911), *Bailes Pastoris* (1914). E os artigos: *Os artistas Baianos – indicações biográficas*, 1905; *Contribuição para a história das artes na Bahia – José Joaquim da Rocha*, 1908; *Teatros da Bahia*, 1909; *Contribuição para a História das Artes na Bahia – os quadros da Catedral*, 1910; *Contribuição para a História das Artes na Bahia – Notícia biográfica de Manuel Pessoa da Silva*, 1910; *Episódio da independência*, 1913; *A litografia e a gravura*, 1914; *Primórdios da Independência*, 1916.

Na segunda fase, entre 1916 e 1922, estudou e narrou a vida do povo e seus costumes através da memória e da oralidade. Aí se incluem os livros: *A Bahia de Outrora – vultos e fatos populares* (1916, 2ª ed 1922, 3ª ed. 1946, 4ª ed. 1954); *a Raça africana e os seus costumes na Bahia* (1916, 2ª ed. 1917, 3ª ed.1955); *O colono preto como fator de civilização brasileira* (1918, 2ª ed. 1954 com o título *O africano como colonizador*); *a arte Culinária na Bahia* (1928, 2ª ed. 1951); *Costumes africanos no Brasil* (1938, coletânea de quarto trabalhos, 2ª ed.1988). E os artigos: *Candomblé de Caboclo*, maio de 1919; *Notícia histórica sobre o 2 de julho de 1823 e sua comemoração na Bahia*, *Os homens de cor preta na História* e *Um baiano ilustre – Veiga Murici*, estes três últimos publicados em 1923.

A primeira das seis partes em que se divide o livro, introduzida pela Dra. Wlamyra R da Albuquerque, então profª da UEFS, mas atualmente profª concursada da UFBA, tem o título *Os dias de julho, para ler com Querino*, em que ela comenta três artigos de Querino referentes às lutas pela independência na Bahia: 1) *Episódio da Independência*, publicado na Revista nº 37-39, equivalente aos anos de 1911-1913, refere-se a Labatut e sua não aceitação pelos brasileiros em função do seu comportamento indelicado para com a Junta Governativa e os comandantes das lutas até sua chegada, e rigoroso e perverso para com os subordinados, escravos e vencidos. Querino atribui a partidários dele, insatisfeitos com o seu afastamento do palco de lutas, a morte do coronel comandante das armas, Felisberto Gomes Caldeira, em 25 de outubro de 1824. Neste artigo menciona que, tendo o presidente da província, Francisco Vicente Viana, ao saber do acontecimento, retirado-se para uma fragata, o oficial mais graduado em terra era o tenente coronel Manuel Gonçalves da Silva, comandante do batalhão Henrique Dias, que assumiu então o comando das armas e o governo da província até que a ordem foi restabelecida. Manuel Querino julga uma injustiça destacar-se a figura de Labatut como figura de primeira grandeza na luta pela independência, quando vários baianos que ele menciona tiveram, inclusive, uma atuação mais demorada e decisiva; 2) *Notícia histórica sobre o 2 de julho de 1823 e sua comemoração na Bahia* publicado no nº 48 da Revista do IGHB, referente ao ano de 1923. Nele, Querino conta como iniciou em 15 de fevereiro de 1822 a ocupação de Salvador pelo coronel Ignácio Luiz Madeira de Melo, promovido pelas Cortes de Lisboa a comandante das armas da

Bahia, em lugar do baiano general Manoel Pedro de Freitas Guimarães que ocupava o posto. Depois de querelas que culminaram com a morte no dia 19 da sóror Joana Angélica, abadessa do convento da Lapa, os patriotas retiraram-se para o Recôncavo instalando em Cachoeira uma Junta interina conciliatória de defesa que se comunicava diretamente com o Príncipe Regente D. Pedro no Rio de Janeiro, e boicotava a entrada de alimentos em Salvador. Menciona ainda o decreto das Cortes de Lisboa datado de 19 de setembro de 1822 considerando ilegal a convocação da Constituinte Brasileira e determinando que as atribuições conferidas a D. Pedro como Príncipe Regente fossem transferidas a uma comissão em Lisboa, o que significava anular o Reino do Brasil, voltando à dependência de Portugal. Os brasileiros não aceitaram, e a luta continuou até 2 de julho de 1823 quando, fugidos os portugueses, o Exército Libertador voltou a ocupar Salvador. Passa a descrever, em seguida, os festejos populares repetindo a entrada triunfal numa carreta tomada aos portugueses em Pirajá, inicialmente com um velho mestiço descendente de indígenas e, a partir de 1826, com o caboclo esculpido por Manuel Inácio da Costa e seu carro alegórico. Falou também do presidente da província Francisco José de Souza Soares de Andréa, que em 1846 quis substituir o caboclo pela cabocla, sem que os baianos aceitassem, tendo a partir daí desfilado os dois carros. Querino narra os cortejos, as comemorações desde o bando anunciador, e inclusive a ida a Pirajá a partir de 1853, quando os restos mortais do general Labatut foram aí depositados. 3) *Primórdios da Independência* publicado na Revista nº 42, de 1916, sobre as causas remotas das lutas pela independência desde que a Câmara de Salvador protestou ao rei pelo decreto em 1671 que dizia que nenhum filho do Brasil pudesse ocupar o posto de desembargador neste Estado.

A segunda parte do livro, intitulada *Manuel Querino e as artes na Bahia*, é introduzida pelo Dr. Luiz Alberto Ribeiro Freire, professor na Escola de Belas Artes da UFBA, que comenta quatro artigos referentes a Artes na Bahia, publicados por Querino na Revista do IGHB: 1) *Os artistas baianos: indicações biográficas* publicado no nº 31, referente a 1905, em que Querino agrupa os artistas por ofício, arrolando nomes de escultores, os trabalhadores em barro cozido, e os que faziam miniaturas, iniciando assim o relato da história da arte baiana a partir das biografias dos artistas;

2) *Contribuição para a História das Artes na Bahia: José Joaquim da Rocha (sua naturalidade)* publicado em 1908, no nº 34 da revista, em que Querino desfaz a confusão antes existente sobre se este pintor seria baiano ou mineiro. Houve, sim, homônimos em Minas Gerais, mas existiu o que é baiano mesmo, e aqui teve uma verdadeira escola de pintura em perspectiva; 3) *Contribuição para a História das Artes na Bahia: os quadros da Catedral*, publicado na revista nº 36, de 1910 em que Querino procura elucidar a autoria dos 16 pequenos quadros existentes na sacristia da Catedral, refutando a hipótese de serem de autoria holandesa, como até então se pensava; e 4) *A Litografia e a Gravura*, publicado no nº 40, de 1914, onde Querino narra desde os primeiros ensaios de litografias baianas com Bento José Rufino Capinan em 1835, falando também da gravura e das oficinas que aqui se estabeleceram.

A terceira parte do livro, introduzida pelo Dr. Raimundo Matos de Leão, Prof. do Curso de Artes Cênicas na Faculdade Social da Bahia, intitula-se *Os teatros da Bahia sob o olhar de Manuel Querino* e comenta o artigo deste intitulado *Teatros da Bahia* publicado no nº 35 da Revista do IGHB, referente a 1909, tratando de casas de espetáculos existentes em Salvador, tanto públicas quanto particulares.

A quarta parte do livro, intitulada *de Candomblés e negros ilustres*, é introduzida pelo Dr. Jeferson Afonso Bacelar, professor da UFBA, que comenta dois artigos de Querino: 1) *Candomblé de caboclo*, publicado no nº 45 da Revista, referente a 1919, falando da oferta ao IGHB de objetos pertencentes ao um famoso candomblé de caboclo em Salvador, feita pelo cel. Arthur Atahyde, e 2) *Os homens de cor preta na História*, publicado no nº 48 da revista, referente a 1923. Nele, Querino dá traços biográficos de 38 homens negros baianos que se destacaram, e no final da história de vida de Emigdio Augusto de Matos, professor de Matemática, graduado na Escola Politécnica do Rio de Janeiro e explicador de um dos netos de Pedro II, Querino ressalta que: No último período do regime monárquico, a maior parte dos professores públicos primários desta capital [Salvador] e seus subúrbios foram homens pretos. Os contemporâneos recordam-se, com saudade, desses amigos da infância.

A quinta parte do livro se intitula *Terá sido Manuel Querino um biógrafo?* questionamento feito pelo Prof. Waldir Freitas de

Oliveira, aposentado da UFBA e membro da Academia de Letras da Bahia, aos dois artigos de Manuel Querino: 1) *Notícia biográfica de Manuel Pessoa da Silva*, publicado no n° 36 da Revista, correspondente ao ano de 1910 e 2) *Um baiano ilustre – Veiga Muricy*, publicado no n° 48, em 1923.

A sexta e última parte do livro traz um artigo da pesquisadora inglesa radicada no Brasil Sabrina Gledhill, graduada em Letras e mestra em Estudos Latino-Americanos pela *University of Califórnia at Los Angeles (UCLA)*, onde foi orientanda do historiador Bradford Burns. Seu artigo se intitula *Manuel Raimundo Querino*, fazendo novo apanhado sobre sua biografia, à guisa de conclusão da obra.

Sem a menor dúvida trata-se de obra meritória, não só por facilitar o acesso a alguns artigos importantes e relativamente pouco conhecidos de Manuel Querino, onde ele muito fala de atividades educativas tanto formais quanto informais, como pelos abalizados comentários e introduções aos mesmos feitos pelos eminentes professores convidados para tanto. Recomenda-se fortemente a sua leitura por historiadores, educadores e baianos em geral, não só pelos conhecimentos históricos e artísticos sobre a Bahia, mas também pela fruição de uma leitura agradável, fluente, trazendo novas abordagens e preciosas informações ainda muito pouco reveladas.